

INFORMAÇÕES SOBRE A TRIBO MUNDURUKUUM POUCO DA HISTÓRIA DOS MUNDURUKU

A História dos Munduruku baseia-se na tradição oral, além do que escreveram vários historiadores como Antonio Manoel Gonçalves Tocantins, Ayres de Casal, Paulo Rodrigues dos Santos, Henri Coudreau e outros.

Não se pode esquecer, que não foi senão em 1748, que o Tapajós foi inteiramente reconhecido por João de Souza de Azevedo, que desceu do Mato Grosso a Belém.

Canomá foi a primeira missão dos Munduruku, que dizem ser uma das mais poderosas e peculiares tribos de toda a Província do rio Negro - Am.



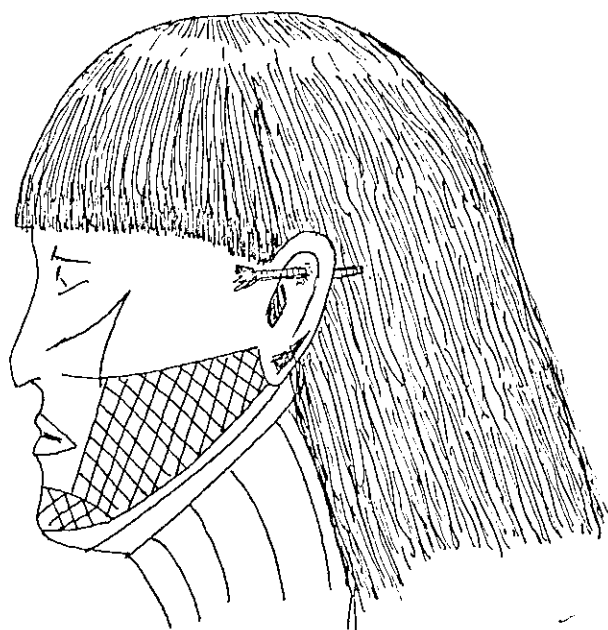
A missão Novo Monte Carmelo do Canomá estava situada meia hora mais acima dessa junção: URariá, Canomá e Madeira, à margem esquerda do Cano - má. Foi fundada em 1811 pelo monge carmelita Frei José Alvares das Chagas e depois dirigida por um padre secular Antonio Jesuíno Gonçalves. Acha-se ele com sua família, inteiramente só, entre cerca de uns mil Munduruku, dos quais nem todos, entretanto, viviam na própria missão, mas espalhados pelo mato e particularmente ao lado oriental do rio, em palhoças abertas. O padre era bem amparado por suas duas irmãs, que tinham empreendido educar em sua casa algumas jovens índias, até que se casassem com os Munduruku da vizinhança, modo tão simples, quanto eficaz, de tornar aos índios acessível a civilização.

Os Munduruku eram gente alta (vários mediam seis pés e meio), de peito largo, fortíssima musculatura, frequentemente de cor clara, de fei

ções largas, bem pronunciadas e, embora afáveis, rudes, cabelo preto lúcido, cortado curto sobre a testa, todo o corpo tatuado com linhas finas. Causava admiração a minúncia com que o doloroso embelezamento era praticado. A operação da pintura era extremamente dolorosa. Iniciava-se quando a criança atingia a idade de oito anos. " Os pintores munidos, então, de um pontiagudo dente de cutia traça os desenhos sobre o corpo da criança que sangra, chora e geme. Sobre os pontinhos vermelhos que constituem as linhas, aplica-se o suco de genipapo, misturado com resina cozida em terra". O trabalho era lento. Deixavam-se cicatrizar as primeiras feridas e depois se prosseguia. E a pintura final era de tal modo complicada, que somente quando a pessoa chegava aos vinte anos era que tinha fim seu suplício.

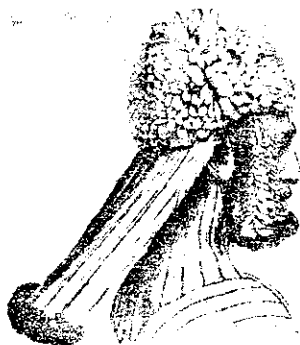


Os Munduruku tatuavam todo o rosto ou pintavam no meio da face, malha meio elíptica, da qual partiam numerosas linhas paralelas sobre o queixo, mandíbulas e pescoço, até o peito. Do meio de uma espádua até a outra corriam sobre o peito duas ou três linhas, separadas meia polegada da uma da outra, e, abaixo destas, até o fim do — peito, se acham desenhos romboidais, verticais, ora cheios, ora vazios. O resto do tronco era riscado com linhas paralelas ou formando rede. As costas eram igualmente tatuadas, porém, menos completamente, e nas extremidades repetia-se a série de

 $\frac{1}{3}$

JBY

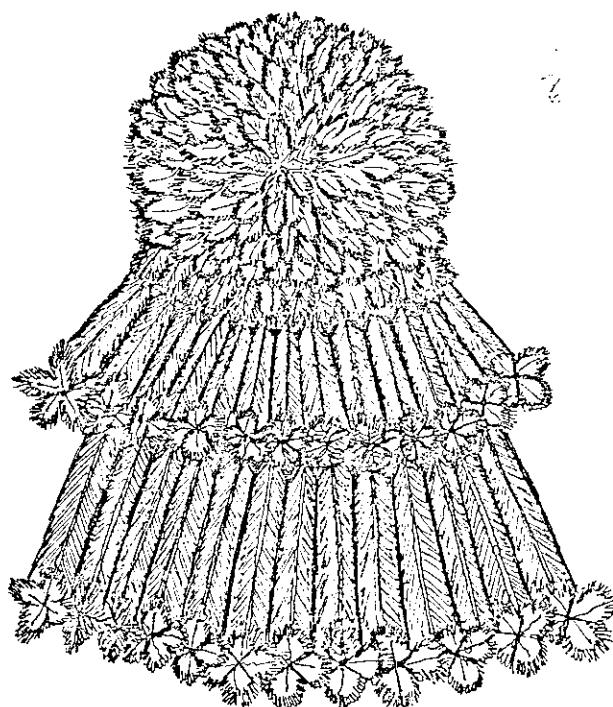
de linhas, com ou sem rombos. Nas mulheres era raro ver-se o rosto todo enegrecido; a malha que elas traziam tinham forma de lua crescente, de pontas voltadas para cima. Não furavam os lóbulos, mas as orelhas em cima, no primeiro sulco e ali usavam taquinhos de caniço. Na vida livre andavam nuas; só os homens é que traziam o suspensório de algodão ou a taconhaoba (taconha, "membro viril" e oba, "folha").



Eram os mais perfeitos artistas no trabalho de confeccionar os ornamentos de penas. Faziam três furos em cada orelha, por dentro dos quais passavam seus ornamentos nos dias de festa.

Provavelmente, queria o Munduruku, com essa desfiguração, tornar o seu aspecto guerreiro e temível, pois para ele, mais que para a maioria das tribos era uma ocupação agradável; tudo parecia calculado para eles se fazerem valer na guerra.

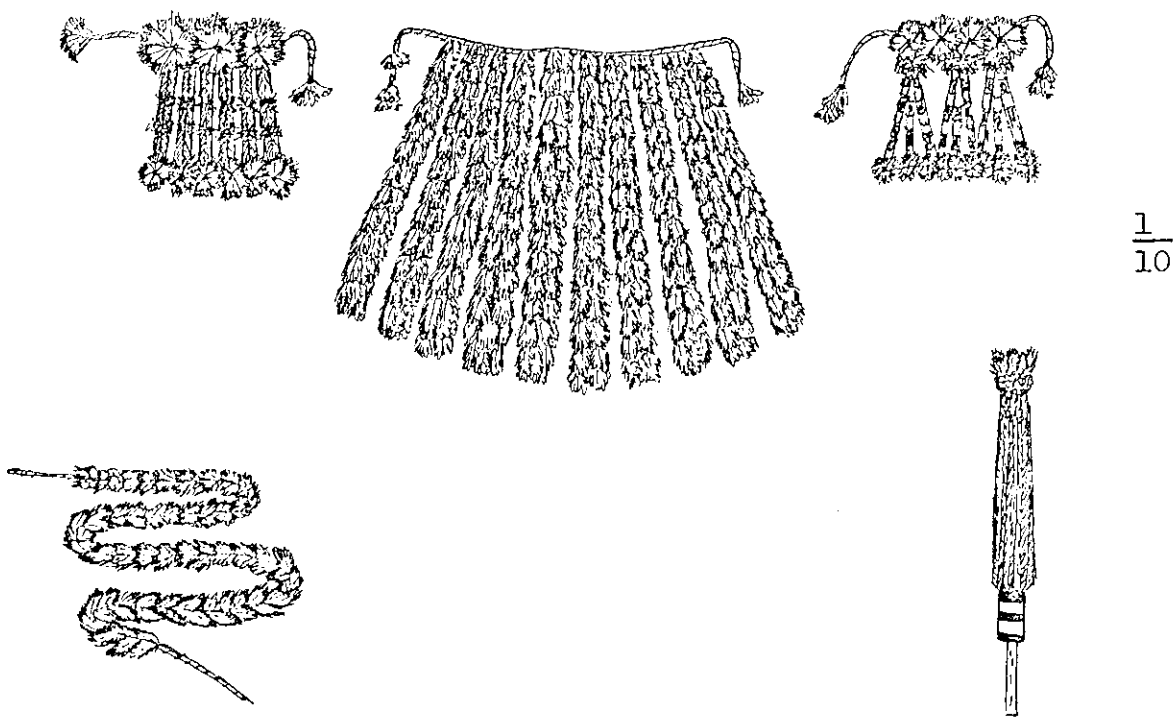
Provavelmente, queria o Munduruku, com essa desfiguração, tornar o seu aspecto guerreiro e temível, pois para ele, mais que para a maioria das tribos era uma ocupação agradável; tudo parecia calculado para eles se fazerem valer na guerra.



$\frac{1}{6}$

Coifa-mantelete dos Mundurukú, com penas de arara.

J84

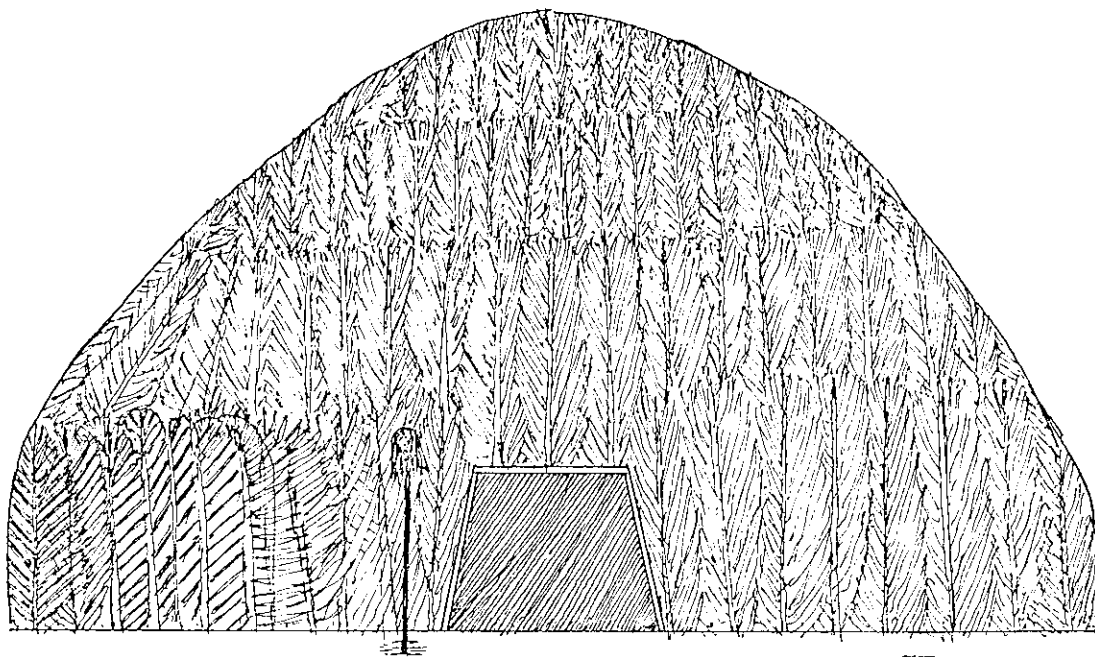


$\frac{1}{10}$

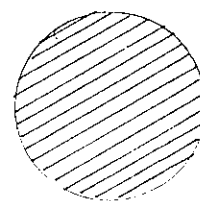
J84

Tornozeleiras e saiote ao alto e colar de plumas e cetro embaixo.

Também os arredores das cabanas tinham aspecto guerreiro: sobre postes, estavam espetados alguns crânios mumificados de inimigos e, em torno das palhoças, mais para o interior estavam expostos muitos esqueletos de onça, quatis, porco do mato e outros tantos bichos.



$\frac{1}{100}$



J84

Choça Mundurukú com uma cabeça mumificada (Pariná) na lança (Pariná-Renape)

Os Munduruku eram os espartanos entre os índios bravios do norte do Brasil, assim como os Guaicuru eram entre os do sul, e ciumentos zelavam pela própria hegemonia entre os seus aliados, dos quais os mais poderosos eram os Maués. Perseguiam as diversas tribos como os Juma, Parintintim e Arara (habitavam estes as nascentes dos rios Maués, Canomá e para os lados do Madeira). No ataque distribuíam-se os Munduruku em extensas linhas; esperavam a carga de flechas do inimigo, as quais eram colhidas, no vôo, com grande destreza pelas mulheres, que estavam ao lado dos homens, ou eles próprios procuravam evitá-las, dando pulos rápidos e só então desferindo com a maior pressa as suas flexas oferecidas pelas mulheres, quando o inimigo, lutando em bando cerrado, já não dispunha de muitas armas.

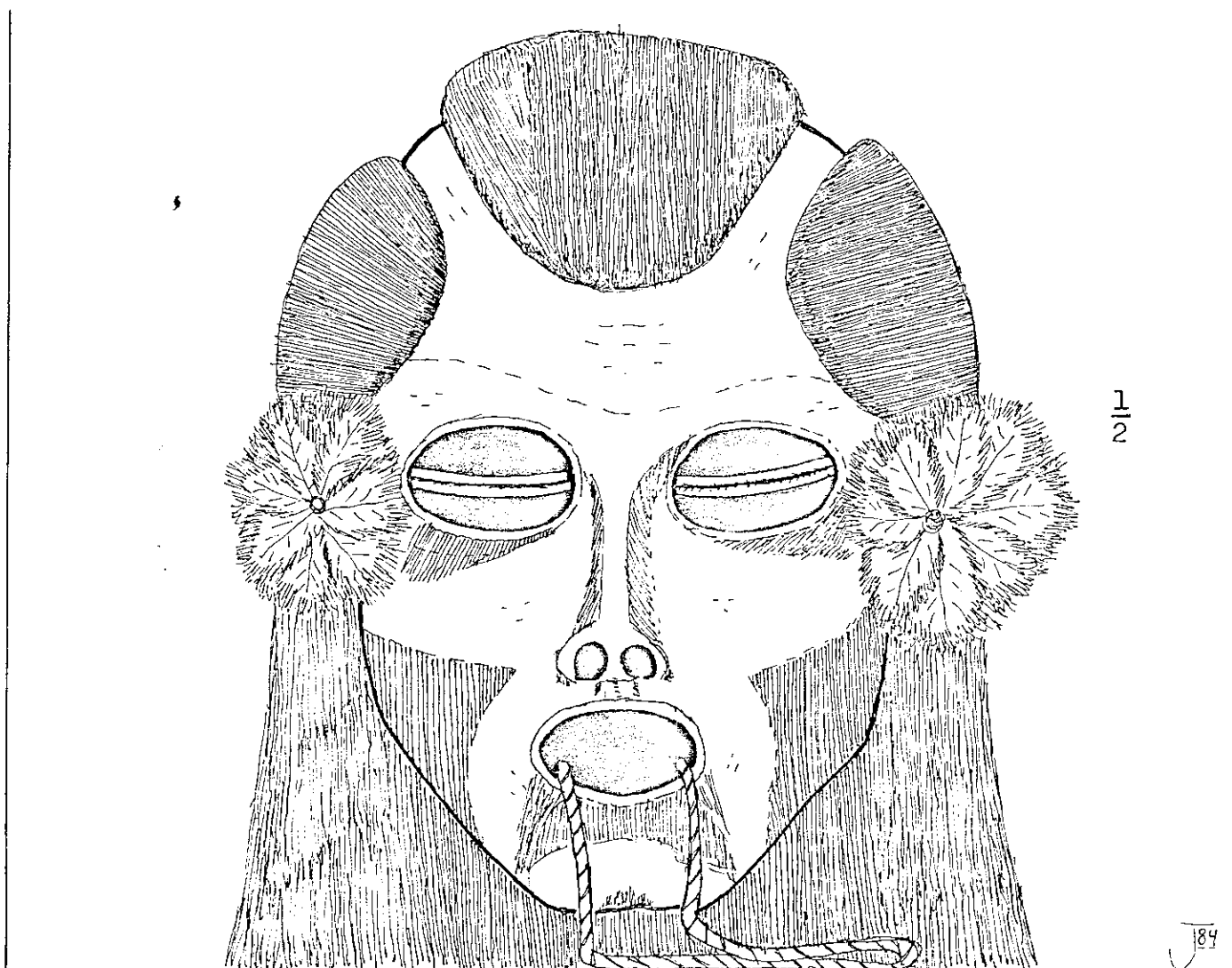
No triunfo, não poupava o Munduruku a nenhum inimigo masculino. Logo que ele o prostrava no chão com a flexa ou o dardo, que nunca foram envenenados, tomava-o pelo cabelo e, com uma faca curta de bambu, cortava-lhe os músculos do pescoço e a cartilagem das vértebras, com tal habilidade, que a cabeça era separada num instante do corpo. Por causa desse bárbaro costume os Munduruku são denominados pelas outras tribos de Pai-quicés, isto é, "decepadores de cabeças". (Pai-quicé quer dizer: "pajé-faca" e somente em sentido translado é que pode significar, como diz o autor, "decepadores de cabeças"). A cabeça assim conseguida era objeto do máximo cuidado por parte do vencedor. Assim que este se reunia aos companheiros acendia muitas fogueiras e o crânio, depois de tirados os miolos, músculos, olhos e língua eram chamuscados sobre uma estaca; dias depois era lavada ^{a cabeça} repetidas vezes com água, molhada em azeite de uruku e posta ao sol para secar. Depois de completo endurecimento enchia-a então com miolos artificiais de algodão de cor, colocava-lhe olhos feitos de resina, punha-lhe dentes, enfeitando-a, por fim, com um gorro de pena. Assim preparado o hediondo troféu tornava-se inseparável ornato do vencedor, que o levava consigo à caça e à guerra, pendurado numa corda e, quando dormia à noite, no rancho comum, de dia ao sol ou no fumo, de noite colocava-o perto de sua rede como vigia.

Conta-se que os Munduruku para adquirirem sua grande força muscular se abstinham de tomar o caldo cozido de mandioca, submetiam a jejum rigoroso as jovens, quando estas chegavam à puberdade e expunham-nas à fumaça, suspensas ao teto da palhoça.

Quando acontecia, numa de suas guerras, que um guerreiro Munduruku morria em combate, seus companheiros cortavam-lhe a cabeça para mumificá-la pelo processo já conhecido.

De volta à aldeia, a cabeça era colocada num lugar reservado, juntamente com as armas, os adornos e a flauta grande do faleci

do. Esta relíquia tornava-se objeto de veneração pública.



Cabeça mumificada pelos Mundurukú, com ossos do crânio intactos.

Na aldeia natal do falecido preparavam-se homenagens públicas para um dia marcado com longa antecedência e as aldeias vizinhas eram cerimoniosamente convidadas para a solenidade. Essa honras fúnebres duravam mais de um dia. Eram celebradas nos quatro primeiros anos que se seguiam à morte do guerreiro. A festa do quarto ano terminava pelo enterro da cabeça. Finalmente no interior da casa onde morava a família do guerreiro morto cavava-se um buraco vertical no qual enterrava-se a cabeça em cuja honra celebravam-se as festas.

Os Munduruku antes do ano de 1770, mal eram conhecidos no Brasil, pelo nome; mas daí em diante, irromperam em numerosas hordas, ao longo do rio Tapajós, destruíram as colônias e tornaram-se tão temíveis que foi necessário mandar tropas contra eles, que se opuseram a elas com grande audácia. No oitavo decênio do precedente século saiu das suas malocas uma horda de mais de 2.000 homens, a qual atravessou os rios Xingu e Tocantins e seguiu, espalhando guerra e devastação até à fronteira ocidental do Maranhão; aí,

porém, sofreram pesada derrota contra os belicosos Apinajé, de sorte que só os sobreviventes da mortífera guerra puderam retirar-se para o norte, para os rios Moju e Capim, onde assolaram as fazendas portuguesas. Acossados pelos fazendeiros coligados, voltou de novo a horda, finalmente, à tribo restante do Tapajós. O governo mandou contra eles um destacamento de 300 homens que, ao cabo de dez dias de viagem à margem daquele rio, encontrou uma maloca densamente povoada e viu-se cercada por numerosos inimigos armados. Só a custo pode abrir passagem e alcançar o rio, todavia, parece que causaram aos Munduruku a perda de quase mil homens.

No ano de 1803 foi fundada a primeira aldeia dos Munduruku, Santa Cruz, sete dias de viagem acima de Santarém, no Tapajós e, desde aquela época, toda a tribo firmou a paz com os brasileiros; várias das suas grandes aldeias se transformaram em missões e exploravam o comércio com os brancos.

Em 1817 Ayres de Casal, dividindo em sua corografia brasílica a Província do Pará em 4 grandes comarcas naturalmente limitadas pelos 4 grandes afluentes do Amazonas, o Tocantins, o Xingu, o Tapajós e o Madeira, deu o nome de Mundurukania, naturalmente porque era aí preponderante a tribo Munduruku, àquela que foi compreendida entre o Tapajós, pelo lado do nascente, o Madeira pelo lado do poente, ao norte pelo Amazonas e ao sul pelo Juruena. Os Munduruku cujo habitat estava situado entre o Tapajós e o Xingu teriam, portanto, vindo do oeste, o que levou alguns etnógrafos a julgarem que se deveria colocar o berço desta nação entre as populações andinas.

GÊNESE MUNDURUKU

A história da humanidade é muito bonita. Também os Munduruku contam sua origem conforme registra A.M.G. Tocantins em seu livro "Estudos sobre a Tribo Mundurucu - Memória - 1875.

"Os primeiros homens que apareceram sobre a terra fundaram a maloca de Acupary. Caru-Sacaebê apareceu entre eles e lhes ensinou a caçar; até então só havia caça inferior; Caru-Sacaebê fez aparecer caça maior.

Não teve pai nem mãe; teve um filho de nome Carutaú e um companheiro de nome Rayrú, que o reconhecia por mestre.

Um dia Caru-Sacaebê foi infeliz na caça. Voltou a Acupary, e mandou seu filho Carutaú que fosse pedir alguma ave, inambú ou perdiz aos caçadores, que tinham morto em abundância.

Os caçadores, porém, recusaram, e por escárneo atiraram a Carutaú as pennas das aves dizendo: "Teu pai também é bom ca

çador".

Três vezes Caru-Sacaebê colheu as penas que elles haviam atirado por escárneo a Carutaú, e fincou-as uma por uma em torno da maloca. E súbito, com um gesto, converteu em porcos bravios todos os habitantes de Acupary, homens, mulheres, moços e crianças.

Estes animais vorazes iam esbravejando extramalhar-se e dispersar-se, quando Caru-Sacaebê, com outro gesto, transformou as penas em elevados morros.

Junto a actual maloca de Acupary existe com effeito uma vasta caverna. Dizem os Mundurucus que ainda hoje ouvem-se ahí grunhidos de porcos selvagens e accentos de agonia.

Outros affirmam que à entrada da caverna encontram-se ornatos de mulheres, com braceletes feitos de ouriço de castanha, e outros vestígios da tremenda catastrophe. Os Mundurucus não ousam penetrar na caverna de Acupary.

Então Caru-Sacaebê retirou-se acompanhado de Rayrú, único que sobreviveu ao desastre de Acupary.

Chegando ao lugar, onde está Necodemos (aldeia), = "Decodema: decu, o macaco-aranha ou cuatá; dema, quantidade, abundância" (Decodema é a aldeia que o Dr. G. Tocantins escreveu erradamente Nicodemos..., afirma Henri Coudreau em Viagem ao Tapajós), bateu com o pé na terra, e de uma larga fenda que se abriu tirou um casal de Mundurucus, um casal de brancos, um de índios e um de pretos.

O casal de Mundurucus Caru-Sacaebê pintou pela mesma forma por que elle próprio estava pintado, e foi o princípio da maloca de Necodemos e o tronco da tribu, que se tornou numerosa e pujante, a ponto de fazer estremecer a terra quando marchava para a guerra.

Os brancos, os índios e os pretos, dispersaram-se e foram povoar outras terras,

Em Necodemos Caru-Sacaebê preparou um campo, semeou-o, e quando cahiram as primeiras chuvas brotou a mandioca, o milho, a batata, o cará, o algodão e outras plantas alimentícias e medicinaes.

Ensinou a construir fornos e a preparar a farinha.

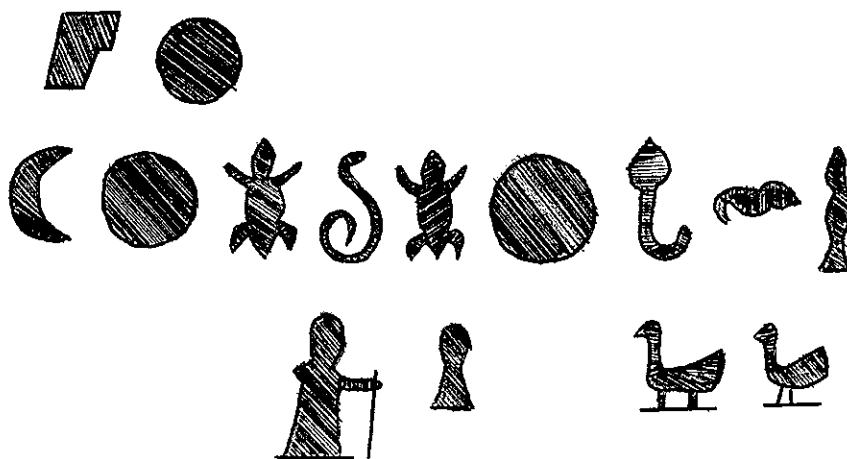
Fez uma pequena estatua de madeira, animou-a e chamou-a Hanhu-Acauâte, que foi seu segundo filho. Para servir de mãe a Hanhu-Acauâte, Caru-Sacaebê adoptou por companheira uma donzella da tribu, chamada Chicridhá.

Cresceu Hanhu-Acauâte; mas algumas mulheres iludiram a

vigilância de Chicridhá e abusaram da inocência de Hanhu-Acauâte. Caru-Sacaebê converteu Hanhu-Acauâte em anta, e Chicridhá e as mulheres culpadas em peixes.

Necodemos estava já poderosa e forte.

Caru-Sacaebê traçou sobre um rochedo elevado, entre Acupary e Necodemos, os cacteres simbolicos, que ainda hoje se vêem nos morros de Areucrê. Fez com que Rayrú fosse arrebatado pelas nuvens e desapareceu de Necodemos, seguindo o curso do Tapajóz, à margem esquerda do qual em altura onde não pode chegar a mão do homem, também os caracteres da barranca de Cantagallo. E desde então nunca mais se soube para onde fora.



= Gravuras rupestres dos rochedos de Cantagalo - V.T. = 118 88

Os Mundurucus guardam fielmente a memória de seus feitos e pintam-se rigorosamente a si, suas mulheres e filhos, pela mesma forma por que Caru-Sacaebê era pintado".

Um povo forte, guerreiro, caçador e agricultor. Conta o já citado autor que empreendiam muitas lutas principalmente com os Parintintin para lhes tomar as mulheres e crianças e aos homens, depois de os matarem, tiravam-lhes a cabeça a qual "embalsamavam" e conservavam como troféus. Uma dessas cabeças - segundo o autor - de uma moça Parintintin que fora morta por engano - lhe foi doada pelo próprio Munduruku que a alvejou, e "se encontra hoje no Museu Nacional".

Por gerações, os Munduruku tinham vivido suas primitivas vidas no vale do Amazonas, não tocados pelo que os homens modernos chamam de civilização. Depois, por um tempo, os padres haviam trabalhado com eles e haviam-se retirado do trabalho, e os Munduruku tinham voltado aos seus velhos usos, até que Frei Hugo veio morar entre eles e levar avante a obra de Frei Pelino e seus sinos. Pelo ano de 1872, Frei Pelino de Castrovalva havia consegui-

do 4 sinos para sua Missão de Bacabal e tinham a finalidade de chamar os índios para que, orientados não se deixassem explorar.

A Missão do Cururu foi fundada em julho de 1911 pelos Padres Francisca - nos Frei Chrisóstomo Adams, comissário; Frei Luis Wandt, superior e o Frei Hugo Mense. Sairam de Santarém no final do mês de maio de 1911 e após 60 dias de viagem pela correnteza do rio Tapajós, chegaram ao lugar Capikpi onde se estabeleceram. Frei

Chrisóstomo voltou logo, mas os dois outros missionários começaram, com o auxílio de alguns índios, a construir um barracão que serviu de capela e morada dos padres. Durante a construção os dois padres moravam na maloca com os índios.

No fim do ano os dois padres viajaram a Santarém a fim de buscar as Clarissas Missionárias da Imaculada Conceição para cuidarem da educação dos jovens índios.

O Prelado D. Amando Bahlmann aceitou o pedido sob a condição de que os missionários se obrigassem, por escrito, a cuidar da subsistência física e espiritual das Irmãs, a qual foi assumida por Frei Luis.

Em 01 de maio de 1912, após a necessária preparação, a abadessa Madre Coleta e duas noviças: Cecília e Águeda seguiram para lá. Depois de uma viagem fatigante e perigosa, Frei Hu

go e as Irmãs desembarcaram em Capikpi em 01 de julho de 1912. O pescador Leocádio e os índios receberam as Irmãs, que então foram morar no barracão dos padres e estes construíram um menor pa

ra si. Frei Luis cuidou da construção, enquanto Frei Hugo navegou ao longo dos rios São Tomé, Juruena, São Manuel (Teles Pires) e Tapajós a fim de procurar alimento, pois os padres ainda não haviam plantado nada na Missão. Foi uma vida muito dura, as distâncias enormes, não havia barco a vela, só a remo. Muitas vezes não se encontrava nada de alimento.

Em janeiro de 1917, Madre Coleta pela primeira vez foi a Santarém com Mariane, uma pequena índia. Daí, ela foi ao sul esmolar em favor da Missão, sempre em companhia da índia.

Em março de 1919 chegam a Santarém Irmã Águeda com o Irmão Berardo que trabalhara 6 meses na Missão e adoecera. Por essa época os superiores resolveram fechar a Missão por algum tempo (8 meses) até que se pagassem as dívidas que eram vultosas ou então se conseguissem os meios necessários para o prosseguimento dos trabalhos lá começados. A maioria das crianças do internato seriam entregues aos pais e os órfãos a Frei Hugo e Irmã Cecília que ainda estavam na Missão. Com eles viajaram para Santarém 2 meninos e 6 meninas (todos de 6 a 14 anos de idade).

Em 22/11/1919, Irmã Crescência em companhia de Irmã Ângela, nomeada superiora da comunidade, Irmã Coleta e Irmã Cecília retornaram à Missão para recomeçarem os trabalhos junto aos índios Munduruku. Desejavam muito estar na Missão na festa do Natal. Após 1 mês de viagem, no dia 22 de dezembro de 1919, as Missionárias aportaram novamente em terras mundurukus e foram recebidas com o tocar dos sinos que anunciavam o recomeço da Missão,

num local chamado hoje de Missão Velha.

Em 1924, devido às condições de insalubridade, mudaram a sede da Missão para o local onde está atualmente.

Em passado remoto, os Munduruku haviam sido caçadores de cabeça, mas a prática havia desaparecido com a chegada da Igreja. Eles cortavam cabeça por um motivo religioso: para que elas pudessem ser um lugar de repouso para a alma do guerreiro morto, que só um Munduruku tinha podido matar. As cabeças eram cuidadosamente ornadas como convinha à habitação de uma alma, e ofereciam um lugar de honra na casa do vencedor, para que a bravura do morto aumentasse a bravura do vivo. Isso dava também grande honra ao morto.

Depois que os índios deixaram de cortar as cabeças dos guerreiros guardavam em casa cabeças de animais porque os animais também tinham almas. Guardando as brancas cabeças do tapir, do veado, do jaguar e de outros animais, eles não somente pediam perdão por havê-los matado, mas davam às almas dos animais lugares de habitação, saindo dos quais elas podiam outra vez tornar-se animais vivos e serem caçados novamente. O medo do fracasso na caça era um medo antigo nos homens primitivos que tinham vivido com fome, por gerações.

Os varões Munduruku tinham o costume de ficar de repouso por algumas semanas após o nascimento de uma criança, e de receber os cuidados devidos à parturiente e a visita dos vizinhos, pois a criança era atribuída só ao pai; a contribuição da mãe era comparada à do solo que recebe a semente. Pouco depois de nascer, recebia o nome tirado de planta ou animal. Esse nome, porém, mudava-o diversas vezes em sua vida, logo que realizasse alguma façanha heróica, na guerra ou na caça. Acontecia de a mesma pessoa ter 5 ou 6 nomes um após o outro. O filho, chegando à virilidade

constitui sua própria família tomando a mulher que fora destinada na infância ou que ele conquista.

Em tempos idos os Munduruku enterravam seus mortos no chão de suas cabanas, de modo que os espíritos deles pudessem continuar vivos com as famílias e nas cabanas que eles haviam amado em vida. Seus parentes cavavam uma cova sob sua própria rede, em forma de um poço, sendo o cadáver aí colocado de cócoras, numa urna. As armas, os enfeites de penas e alguns objetos miúdos assim como alimentos eram enterrados com ele.

A tribo Munduruku que habita atualmente as margens dos rios: Juruena, Teles Pires, Tapajós e Cururu é estimada em aproximadamente 5 mil índios. Desses, grande parte é atendida pelos



cinco postos e a Ajudância da Funai. Somente 1.150 estão sendo atendidos diretamente pela Missão Cururu, situada mais próximo da nascente do rio que lhe dá o nome. Fora a sede da Missão que conta com 479 pessoas, a outra parte está dividida em 13 grupos a que todos chamam de malocas, distribuídas rio acima, com habitantes cujo número varia entre 10 e 150 pessoas.

Missão São Francisco do Rio Cururu

Prelazia de Santarém

Sociedade dos Padres Franciscanos Missionários do Rio Tapajós.

A Missão São Francisco ou simplesmente Missão do Cururu foi instalada entre os Munduruku no ano de 1911, concessão do Governo Estadual, Decreto nº 3.522 de 10 de abril de 1919. Diário Oficial - 13 de abril de 1919.

No seu curso o rio Cururu, no vale, recebe as águas dos afluentes: Wareri, Cabutiunti, Erereri, Paratati, Wetãiri e Wacemti(Uatchemti) antes de desembocar no rio Tapajós pouco abaixo da confluência dos rios Teles Pires e Juruena.

Limites pleiteados pelos Munduruku:

Da boca do igarapé Santa Cruz até à boca do Igarapé Santo Antonio (Aniperi).

Divisa ao norte - igarapé Mutum até sair no Tapajós com o aumento de mais de 15 km à antiga demarcação.

Outra divisa acompanhando o rio São Manuel (Teles Pires) até abaixo da localidade Bom Futuro e de lá, cortando a cachoeira do Aniperi, de onde sobe para a pista velha e de lá para o igarapé da Água Branca. Segue este igarapé até por baixo do igarapé Bico de Brasa e de lá, cortando até o igarapé do Purati, a acompanhando-o até o Cabruá onde vai se ligar com a cachoeira do igarapé Mutum.

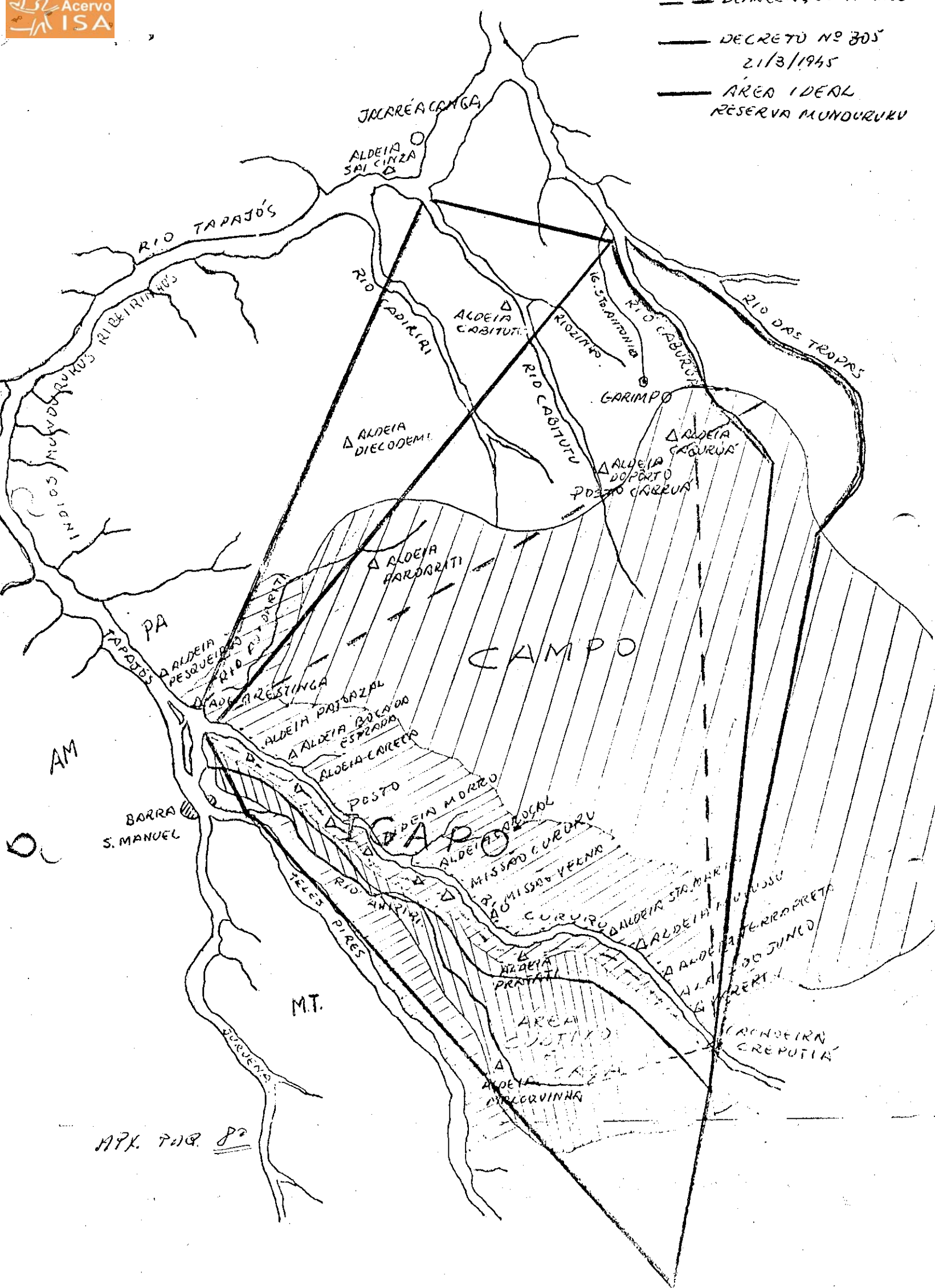
OBS.: Indicações de acordo com o mapa feito por Roberto Crichi.

BIBLIOGRAFIA

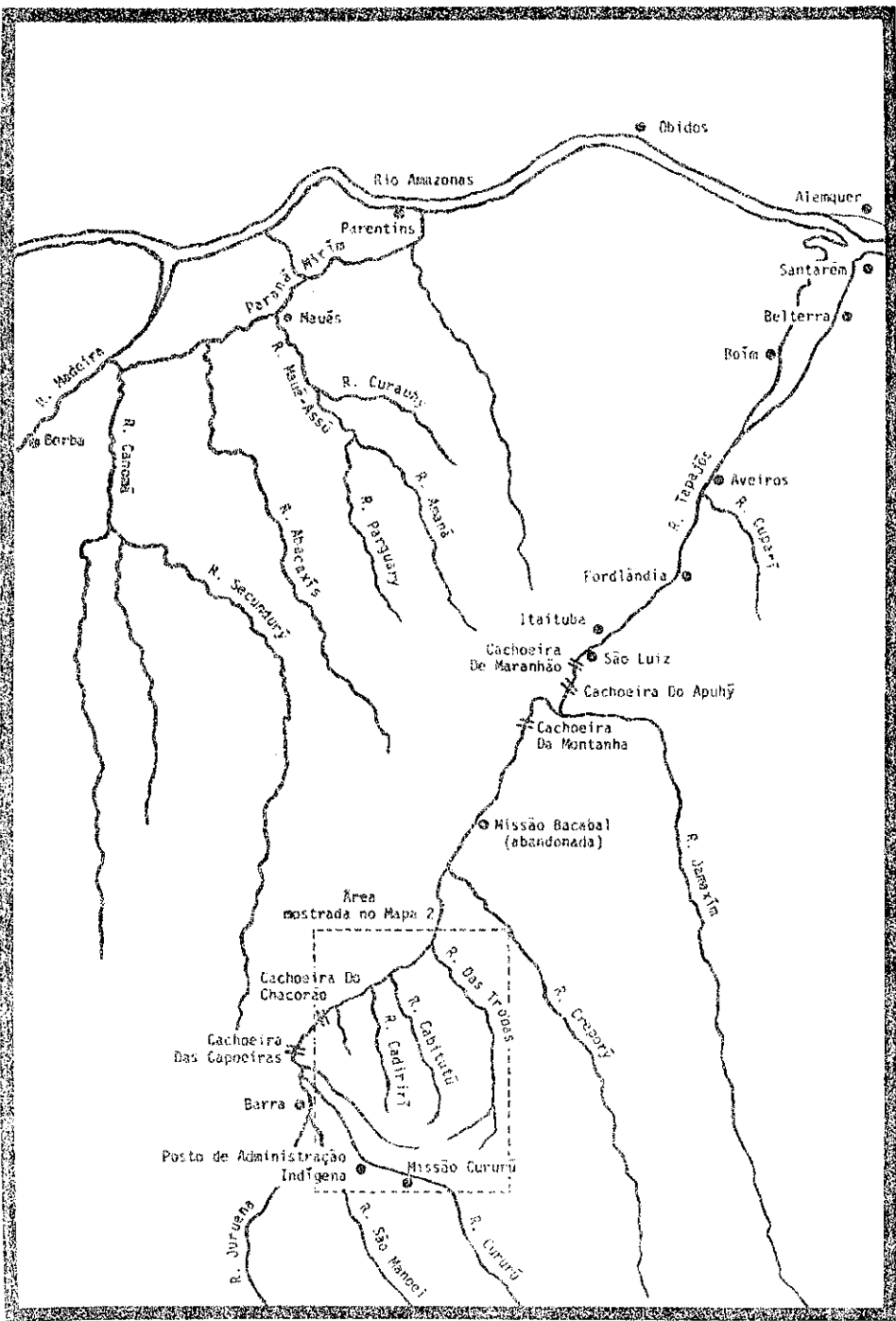
- 1 - TOCANTINS, ANTONIO MANOEL GONÇALVES / ESTUDOS SOBRE A TRIBO "MUNDURUKU" - Memória - 1875.
- 2 - BURKS, ARTHUR J. / SINOS À MARGEM DO CURURU / LUIZ LEAL FERREIRA (tradutor) /ED. VOZES LTDA / PETRÓPOLIS - RJ / 1952.
- 3 - KEMPF, ROSWITHA e BELKE, IRMÃ EDELTRAUD (tradutoras) / CRÔNICA DA COMUNIDADE DAS IRMÃS DA MISSÃO CURURU (alemão) 1919-1958.
- 4 - NASCIMENTO, IRMÃ ROSIRENE / RELATÓRIO DE SAÚDE DO CIMI NORTE II / 1983.
- 5 - SPIX, JOHANN BAPTIST VON, 1781-1826 / VIAGEM PELO BRASIL: 1817-1820 |por| SPIX e MARTIUS; TRADUÇÃO DE LÚCIA FURQUIM LAHMEYER / ED. S. PAULO, MELHORAMENTOS; BRASÍLIA, INL, 1976.
- 6 - ÍNDIOS, INFORMANTES QUE CONHECERAM A MISSÃO E ALGUNS MISSIONÁRIOS DESDE O INÍCIO. IRMÃS, QUE CONVIVERAM COM AS PRIMEIRAS IRMÃS MISSIONÁRIAS NA MISSÃO CURURU / 1987.

OBS.: A Bibliografia está meio mal arrumada. Foram esquecidos os dados na Missão e arrumou-se aqui em Belém com o que se tinha.

--- DEMARCAÇÃO AGRITEL
--- DECRETO Nº 305
21/3/1945
--- ÁREA IDEAL
RESERVA MUNDURUKU



Linha do rio Cururu até a boca do rio Anipiri - For do Anipiri pelo rio do mesmo até sua nascente - daí numa linha reta até o Cururu no paralelo 8º (OITO).
F. de S. M.



Mapa 1. Região do Rio Tapajós.